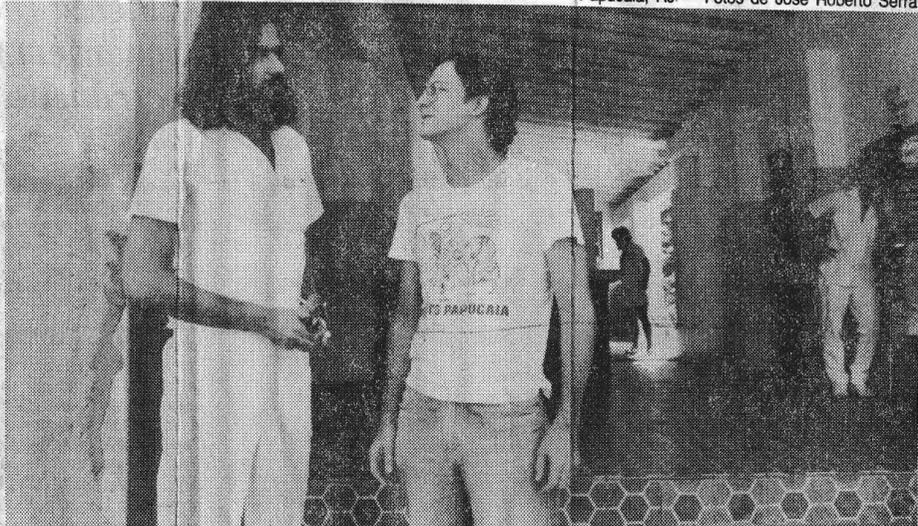




O ideal de fazer saúde pelas próprias mãos se espalhou pelo município de Cachoeiras



Os médicos Carlão (E) e Chris encontraram em Papucaia comunidade disposta a agir

## Projeto Papucaia revoluciona atendimento popular de saúde

Celina Côrtes

A precariedade do atendimento à saúde no município de Cachoeiras de Macacu — a 90 quilômetros do Rio — deu origem a um embrião na comunidade de Marubá: o médico Carlos Alberto Trindade, 32, que resolveu estabelecer-se em Papucaia, fugindo da saturação de profissionais nos grandes centros, começou a discutir saúde com a comunidade, que acabou reabrindo um posto fechado há cerca de seis anos. A experiência alastrou-se como epidemia (benigna) pelo município, conhecida como Projeto Papucaia, com a instalação de 10 postos de saúde e cinco projetados.

Toda a estrutura do projeto parte das comunidades: organizadas em comissões de saúde, cada uma indica seus agentes de saúde, que recebem treinamento para fazer atendimento primário (aplicando injeções e vacinas, acompanhamento pré-natal, educação sanitária, visitas domiciliares, etc), evitando que as pessoas tenham que ir ao Hospital de Cachoeiras, o único num raio de 80 quilômetros. Os agentes de saúde foram contratados pela Prefeitura e recebem um salário. "É um trabalho que a gente faz por amor", garante a agente Hélia Serra, 34.

### Recursos humanos

O município de Cachoeiras de Macacu, com cerca de 106,5 km² e 50 mil habitantes, foi praticamente esvaziado por uma epidemia de malária no início do século. A região começou a ser repovoada por posseiros após o saneamento, mas os conflitos de terra foram tantos que o Governo Getúlio Vargas promoveu uma intervenção federal, seguida de reforma agrária — divisão da área em sítios de quatro alqueires e, para cada agrupamento de 100 a 200 famílias, uma escola e um posto de saúde. A estrutura chegou a funcionar, mas praticamente parou quando voltou às mãos da Prefeitura, que não tinha recursos para assumir o funcionamento dos postos e escolas.

Foi esta a situação encontrada por Carlos Alberto Trindade, que se empregou numa clínica particular em Papucaia, ao mesmo tempo em que dava início às discussões com a comunidade de Marubá, onde foi reaberto o primeiro posto de saúde (dos 14 construídos pelo INCRA). O assunto logo correu pelo município, através dos moradores e até em sermões dos padres, e o médico, conhecido como Dr. Carlão, passou a fazer debates e conferências pelos arredores. O grupo foi engrossando e as reuniões eram realizadas em Papucaia.

Chegamos a situações absurdas, como discutir na porta dos postos fechados. As autoridades alegavam falta de recursos para reabri-los, então começamos a trabalhar com os recursos humanos das comunidades, com os agentes de saúde e parteras por elas reconhecidos. Muitos foram abrindo os postos por conta própria, em mutirões — lembrou Dr. Carlão, um homem alto, magro, barba e cabelos longos e castanhos e cicatriz na testa, fazendo lembrar a imagem de Jesus Cristo.

O 1º Encontro Popular de Saúde, realizado em Cachoeiras de Ma-

cacu em novembro de 1983, foi o primeiro sinal de consolidação do projeto, reunindo as comunidades e autoridades da área de saúde. O resultado foi a assinatura de convênio entre a Prefeitura, Estado e Inamps, que possibilitou ao município a contratação de 21 médicos e 45 agentes de saúde para os postos.

A Prefeitura, no início, tentou impor a contratação de cabos eleitorais, mas a pressão das comissões de saúde foi maior e acabaram entrando os agentes indicados pelas comunidades — disse Dr. Carlão.

### Hortas Medicinais

O trabalho iniciado pelo médico também contou, no início, com o apoio da psicóloga Angela Maria Gonçalves, que entrou em contato com o projeto através da Caritas Diocesana de Nova Friburgo, atividade que acabou trocando por Papucaia. O trabalho, a esta altura, já chamava a atenção das universidades, e foi assim que o estudante de medicina Christopher Peterson, 35, americano naturalizado brasileiro, conheceu Papucaia, onde mora até hoje, inteiramente dedicado ao projeto. Os dois médicos davam plantões para receber alguma remuneração e gastavam o resto do tempo voltados para a organização de todo o trabalho que teriam pela frente.

Começamos a desenvolver programas mais específicos, como o pré-natal, o tratamento de reidratação oral (TRO), saneamento do meio ambiente, visitas domiciliares e estímulo à formação de comissões de saúde, que não se limitaram ao Projeto Papucaia, mas se estenderam a toda rede de saúde do município — comentou Christopher, que todos conhecem como Dr. Chris.

Todos os postos de saúde têm hortas medicinais, que representam o casamento dos conhecimentos científico e popular. Chris recorda que a receita de um chá para o tratamento de hipertensão gerou uma denúncia ao Conselho Regional de Medicina: "Fui acusado de curandeirismo", disse Carlos, divertido. A receita, de um agente de saúde, hoje é prescrita em todo o município.

O serviço de saúde tem que pertencer à população. Esses valores valem para resgatar a cultura das comunidades, que se sentem mais participativas e atuam mais diretamente na organização do trabalho. Isto é tão importante quanto o efeito terapêutico do remédio. A filosofia não é de uma medicina pobre para o pobre, mas tem a ver com o lema do projeto: saúde é um direito que se conquista — afirmou Dr. Carlão.

### Estatísticas

Todo este esforço começou a se refletir em estatísticas. Após a implantação do programa pré-natal, a mortalidade intrauterina ou nas primeiras 24h após o parto, em 1985, foi de 22 casos em mil, entre as pacientes que não fizeram o acompanhamento, e de nove casos em mil entre as que participaram do pré-natal. Destas, 11% fizeram cesarianas, enquanto nas demais o índice foi de 36%. Os recém-nascidos com peso igual ou abaixo de três quilos de mulheres que não fizeram pré-natal representaram 26% dos partos, e as que acompanharam a gestação tive-

ram apenas 8% de seus filhos com este peso.

Nossa intenção é ampliar o universo atual de 50% de mulheres atendidas pelo programa para 100%, com 80% deste atendimento feito pelos agentes de saúde. Os grupos de gestantes acabaram gerando outras discussões, como o desemprego. E a falta de terra, o que ajudou a engrossar a luta pela reforma agrária no município — explicou Dr. Chris, que é o responsável pelo pré-natal.

O TRO, iniciado em 1983, reduziu as 286 internações por desidratação no Hospital de Cachoeiras para 11 internações em 1985: "99% dos casos foram resolvidos nas comunidades", completou Dr. Chris. A notificação de doenças transmissíveis, outro programa implantado pelo projeto, aumentou o registro de casos mensais de 12 para cerca de 40.

Nosso próximo passo, a partir de julho, será estimular a notificação das doenças sociais, ou o que nós chamamos de epidemiologia da violência, como a falta de terra, de emprego, de saneamento, transporte, os casos de espancamento de mulheres, alcoolismo etc — acrescentou.

### Reforma sanitária

Os médicos estimam que o 1º Encontro Popular de Saúde reuniu cerca de 10 mil participantes, "mas o 2º Encontro, em novembro de 1984, ainda foi maior", garantiu Carlão. Desta vez, os postos já estavam funcionando e a discussão recaiu sobre a qualidade dos serviços. A comunidade de Fará, que ainda não tinha seu posto, animou-se a construí-lo em mutirão (em breve será inaugurado). Os moradores de Bengalas conseguiram um terreno e prepararam-se para começar seu mutirão.

A comemoração do Dia Internacional da Mulher, em maio de 1985, acabou gerando a demissão da agente de saúde Maria da Penha e depois de Carlão e Chris, pela Prefeitura. Formou-se um impasse tão grande que o caso foi parar no juiz da comarca, Gildá Gessé de Bragança Soares. Dali saiu a proposta de que a Prefeitura repassasse os postos de saúde para a administração do Projeto Papucaia, que até então só existia informalmente. Assim, foi instituído o Centro de Estudos de Saúde do Programa Papucaia, com o respaldo de uma entidade com forma jurídica.

Todo o sistema de saúde é administrado pela Comissão Interinstitucional Municipal de Saúde (CIMS) — esclarece Carlos, que é o secretário executivo da CIMS, e junto com Christopher foi recontratado no mês passado.

Pela primeira vez, o Projeto Papucaia receberá um apoio efetivo, através de um convênio que está para ser assinado com o Inamps e Fundação Oswaldo Cruz, para elaboração, divulgação e multiplicação do modelo, em troca de recursos.

O próximo evento organizado pelo projeto será o 1º Festival Municipal de Saúde, em 5 e 6 de setembro, em Cachoeiras de Macacu, com apoio do Inamps, Fiocruz, Secretaria Estadual de Saúde, CIMS, e Prefeitura. Foram convidadas a Famerj e sindicatos para as discussões sobre reforma sanitária e municipalização.

## Agentes demonstram liderança

Elas têm duas coisas em comum: um brilho forte no olhar e a função de agentes de saúde. Hélia Pereira da Silva, 34 anos e mãe de dois filhos, trabalha na comunidade de Vecchi, colocando em prática o treinamento aprendido no Projeto Papucaia, que incluiu estágio no Hospital de Cachoeiras, aprendizagem sobre vacinação, esclarecimentos sobre alimentação, higiene, feitura de remédios caseiros, curativos, injeções e atendimento nas residências. O resto fica por conta de seu inegável espírito de líder.

Fala com entusiasmo do tratamento de reidratação oral — "caiu muito o número de desidratados que têm que ir para o hospital" — e garante que uma atenção primária bem-feita evita que 80% dos casos

tenham que chegar aos médicos. "Se fosse para meu bem-estar, preferia morar em outro lugar, ter outra profissão. Mas gosto demais do que eu faço", afirma.

Maria Antonia de Paula, 48 anos, seis filhos e seis netos, já trabalha há cerca de 30 anos na comunidade da Ribeira e está há três anos no posto de saúde. "Este trabalho é maravilhoso. Existia na história, mas estava esperando a hora de aparecer", define. Ela e as três agentes da Ribeira se dedicam a aproveitar a estrutura da campanha da dengue para lançar a de vacinação. Elas estão tentando organizar o trabalho, programando um tipo de atividade para cada dia, e uma vez por semana fazem um balanço de todo o trabalho.